




# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00



EU FIZ 100  
ANINHOS  
EM 7 DE AGOSTO

**DOIS EX-LIBRIS DA NOSSA TERRA:  
A CENTENÁRIA PONTE DE FÃO  
E O OLÍMPICO BELMIRO PENETRA**

# EDITORIAL

## A OPÇÃO DE COMPRAR POR BAIRRISMO

Há uns tempos atrás dizia o Quim de Fão, numa das suas gostosas crónicas, que vinha cortar o cabelo ao Zé Barbeiro, tomava o café em Fão, fazia as suas compras na terra natal, era, em suma um cliente de Fão. Fazia-o, já se vê, por imperativo bairrista.

Não há dúvida que, como fangueiro, procurava e procura ajudar os estabelecimentos da terra. Dizemos que o faz por imperativo bairrista e dizemos que o mesmo imperativo pen-de sobre as consciências dos outros bairristas de Fão.

Com efeito, quando proclamamos que uma terra é rica, que uma terra é próspera, estamos a referir-nos à existência de uma burguesia forte que o mesmo é dizer, à existência de casas comerciais e fábricas em número satisfatório e com um índice de facturação razoável.

Dirá o leitor lá para os seus botões: mas em que é que a existência de uma loja ou de uma fábrica podem favorecer o meu cotidiano? De uma maneira directa (criando postos de trabalho um dos quais pode ser o seu) e indirecta também: é que os comerciantes ou industriais costumam ser os homens que levam às costas as instituições locais ou, pelo menos, é às suas portas que os dirigentes das instituições pensam obter as maiores maquiãs. Atenção: pronunciamos comerciantes e não comerciantezecos.

Por tudo isto se diz: faça as comprar na terra. É pois um imperativo do dever, dever que se converte reciprocamente numa obrigação para os homens (ou mulheres) que informam o tecido social chamado burguesia. Eles têm a obrigação de dar algo de si mesmos à terra. E se não dão? São maus fangueiros e traíem a confiança que os da terra depositam neles ao tornarem-se seus clientes.

O que se diz do comércio e da indústria diz-se dos bancos, dos correios e de outras instituições afins. Temos de os tornar fortes porque, além do mais, esse facto envaidece-nos. Em contrapartida, já viram ou imaginaram o quanto seria frustrante para a terra que o banco ou correio fechassem por não ter clientes, clientes esses que «teriam gasto» em outro lado?

Realmente mesmo em coisas de somenos devemos revelar o nosso bairrismo. Desculpem a nossa vaidade mas, como o Quim de Fão, também nos esforçamos por gastar ou comprar na terra, também vamos ao Zé Barbeiro e, ainda por bairrismo — só por isso — todos os meses nos deslocamos do Porto a Fão para «deitarmos» os jornais no correio a fim de contribuirmos para aumentar o nível do movimento da «nossa» estação postal.

É curioso: em todos os nossos gestos e decisões podemos ser bairristas.

# O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

## MANUEL RAMOS FERREIRA

No princípio, aí por 1940, existiam as tascas. Lembrámo-nos de algumas poucas: **Escondidinho**, na rua de S. João, perto da padaria que foi do Fontes. Um dos seus donos foi o *Questoiras*. A do **Creixomil** situava-se nas traseiras da casa do seu epónimo, António Dias, mais conhecido pelo gentílico *Creixomil: António Creixomil*. Havia muitas mais e nós ouvíamos falar delas mas não as conhecíamos nem as localizávamos porque a rapaziada das Pedreiras só a partir dos sete anos é que almejava a carta de alforria e então sim: já lograva poder *ir a Fão* e até o fazia obrigatoriamente para ir à escola. É verdade que já antes se acostumava a ir à misa nas geralmente atrelava-se à mãezinha. Havia também a *doutrina* aos domingos cuja frequência se iniciava um pouco mais cedo, mas liberdade, liberdade de transpôr a **Cangosta do Martinho** só a partir dos sete anos. Daí que algumas tascas tivessem sido nossas coetâneas, mas o conhecimento que tínhamos era indirecto: falava-se delas.



Manuel Ramos Ferreira

Havia a tasca de **Adelina Tuta**, no início do Ramalhão, explorada pela própria e pelo marido. Funcionava também como loja pois era um estabelecimento de mercearia e vinhos. O mesmo sucedeu com a loja da **Consul**, cujo marido se chamava **Xeilho**. Nesta casa a componente tasca era mais relevante e tinha como uma das características principais usar medidas de pau. Lá para os lados da Areosa existia a tasca do **Tio Pidaina** que se localizava na casa do Americano. O pai do Quintino (**morrãozoso**) possuía um estabelecimento similar junto às alminhas do Cais, numa casa que o Arquitecto Pádua transformou em quintal. O **Vitorino da Madalena** foi igualmente dono duma destas lojas onde o Guimarães de Gondomar teve uma casa fotográfica. Na rua de Cima funcionou a tasca da **Tia Antónia**, também conhecida pela **Tia**

**Bispa**, mãe da Natalina do Gomes da Costa. No Bom Jesus, mais propriamente na casa que é hoje dos Matias, existiu outro estabelecimento igual que era da **Tia Frada**. Por último, falaram-nos da loja da **Tia Filipa**, onde habita o Mário Belo, hoje uma memória de Fão, embora o Zé Sá Pereira não lhe fique muito atrás. Eles e o Quenor permitiram-nos fazer este roteiro vinícola através dos tempos, antes da abertura do café Galo D'Oiro que deve ter vindo à luz do dia aí pelo ano de graça de 1940.

### A Tasca: o seu conteúdo

Não haja dúvida que Fão tinha muito onde molhar a palavra. Concretamente o que se vendia ou fazia nas tascas? A tasca era o lugar predilecto onde se bebia o **pingol**. Já sabemos que hoje existem outros meios com que matar a sede, *whisky* e cerveja, por exemplo, mas *in illo tempore*, a bebida preferida era o vinho, à sombra do qual se apanhavam borracheiras monstrosas. A tasca do tempo a que nos vimos referindo era o lugar preferencial de muitos homens de Fão. Bebia-se uns copos com acompanhamento de broa, sardinhas e azeitonas, cantava-se o fado, contavam-se e ampliavam-se peripécias vividas pelo narrador, cá fora jogava-se a malha, enfim esmagava-se o tempo com alegria e com muita zaragata, à mistura. Quantas vezes a mulher dum destes vinhófilos aparecia à porta a rogar ao seu **home** que tivesse dó dos seus filhinhos que estavam em casa a morrer de fome. Levava uma corrida que só parava na sua rua.

Já estamos a ver o leitor fangueiro, engrenado na história de Fão, a perguntar: «mas nesse tempo não existiam só operários e pescadores; viviam também e em bom número **brasileiros** e quem diz **brasileiros** diz **marítimos**, sendo alguns comandantes e oficiais de bordo. Onde se acoitavam eles? Havia, sim senhor, e os passeios lajeados da vila e os jazigos do cemitério são testemunhos dessa época de esplendor. Esses homens frequentavam o Clube Fãozense, desde 1898, e o dos Grulhas, desde 1916. Ou então visitavam-se mutuamente e lá passavam o tempo em conversa que era molhada com chá ou com uma bebida que não era sorvida à **maneira**. Podia haver excepções mas, em regra essa **gente de algo** não adorava publicamente o deus Baco.

Entretanto outro *trend* económico se ia desenhando, as tascas entraram em ciclo reductor a miséria lenta mas progressivamente, foi cedendo o passo, pelo menos aparentemente, a uma melhoria de vida e, com certa lógica, foi aberto o primeiro café em Fão, com chave do Manuel Ramos Ferreira, o Manuel do Antero. Tratava-se sem dúvida de um melhoramento, mas era também um salto no desconhecido que exigiu da parte do seu proprietário uma certa coragem e uma certa audácia.

(Continua na pág. 4)

# FEIRA DE RETALHOS

Por QUIM DE FÃO

Graças e desgraças de uma terra que se quer impor pela sua longevidade, pelas suas lendas e tradições, pelo seu bairrismo, às vezes doentio e despropositado, pelas suas «fofoquices de soalheiro», pelo seu amor à diferença, e o seu direito à «opinião»; «à opinião» de dizer o que pensa e sente na praça pública, lavando a roupa «dos outros» sem olhar para as «nódoas da sua». É, em conclusão, a tal diferença. Farpas!

• E porque falamos de «diferença» veja-se como gerações e gentes diferentes tratam os mesmos problemas...

No último número, o Quim de Fão «homenageou como soube e pôde» três professoras em «fim de carreira». Pensou espicaçar quer a autarquia fangureira quer concelhia para a «obrigação» de homenagear estes e outros professores, tal como o fizeram Viana do Castelo, Arcos de Valdevez, Gaia, Braga, Aveiro e Faro. Af, nesses concelhos e distritos, os professores tiveram o agradecimento público e notório. E nós o que fizemos? Até hoje, a não ser os jornais locais com uma noticiuzinha, nada mais se fez...

Será por falta de verbas? Ou será que um assunto como este exige a convocação de uma Assembleia Extraordinária? Farpas!

Bom, para o programa fangureiro, proponho:

1.º No recreio da Escola de Santa Bárbara — hoje Amorim Campos — implantação de uma lápide em pedra onde se registem — hoje e amanhã — os nomes dos professores que por lá passaram e terminaram af a sua carreira profissional. Nessa lápide deverá constar o nome da professora D. Maria Manuela Borda que durante três décadas af trabalhou. É que «às vezes» as coisas esquecem com o tempo.

2.º Missa de acção de graças pelos vivos e de sufrágio pela professora falecida.

3.º Sessão solene onde a Câmara Municipal entregará um «pergaminho ou medalha».

4.º Almoço de confraternização com os professores, alunos e amigos.

Em vésperas de eleições este programa já estava mais anunciado a nível concelhio.

Não é tarde. Câmara Municipal, Delegação Escolar e Juntas de Freguesia e, se quiserem, a minha ajuda, todos levaremos a cabo esta tarefa em Setembro/Outubro.

• O Centro Cultural — Palácio de Congressos e e Exposições — custou a parir, mas parece que o parto está para breve. Não admira! Salvaram-no de um aborto — Palácio de Troços — e vai nascer nédio e lustroso como um templo de Apolo. Para já, duas meninas risonhas ocupam os tempos livres recebendo turistas — Posto de Turismo (?) — numa sala despida de cartazes e informações. Ao lado vai nascer, parece-me, a Biblioteca. Boa ideia! ao menos, af não mete água e tem sol...

Depois, outras salas funcionarão para exposições. Cremos que a melhor homenagem que Fão do presente presta aos seus «antepassados» é inaugurar essas instalações com «artistas fanguereiros». Algumas sugestões:

Pintura — Escultor Esteves e outros mais recentes.

Caricatura — Dr. Alceu Vinhas.

Música — Padre Alaio e Padre Borda.

Antiguidades — Roupas; mobílias.

Mar e Rio — Ex-votos; redes; cartas; roteiros e tantos outros documentos.

Profissões desaparecidas — Cordoaria; calafates; bordadeiras e outras.

Fotografia — das mais antigas até aos anos cinquenta...

Jornais locais e nacionais que tenham tratado assuntos fanguereiros.

Estas exposições deveriam ter a apoiá-las um conferencista, por temas.

• Como não temos só graças — até aqui tratei das graças — também temos algumas desgraças... Farpas!

«Já me chamaram «bandarilheiro», por causa das minhas «Farpas». Farpas escritas, claro está, pois não gosto de «touradas» sobretudo quando o touro se esconde e eu não topo o cachoço de feição, mas «Farpas» são e estão vivinhas como a sardinha da costa. Farpas! Já que falamos da costa, associei a praia que de azul só tem o mar... Farpas! A bandeira que pode ser azul é negra. Negra no número reduzido de turistas nacionais e estrangeiros; negra no estacionamento desordenado e ilegal; negra nas cento e cinquenta canas de pesca que no passeio da ponte, de noite e de dia, pescam peixinhos de 2 e 3 centímetros; negra nas redes de cerco que limpam o fundo do leito arenoso, Farpas! Azul, muito azul a água ecológica que os patos purificam, comendo... devorando tudo que vem ... ao bico. Se alguém fez alguma coisa este ano pelo turismo, os patos merecem um «monumento». Tiveram direitos a meia página nos jornais; tiveram direito a uns minutos de televisão... Que grandes patos... Quais? Uns e outros... Talvez mais os outros... pois calram como ... Patos. Farpas!

• Fão, a nossa terra, vai construindo os seus bairros para pobres, mas... na praceta mais «vip» da terra e que terá o nome de Joaquim Mariz — ironia do destino — está a nascer ou já nasceu a primeira favela. Antes que seja tarde, arranje-se uma casa para a família em causa e outras farão o mesmo. Novas favelas nascerão. Farpas!

• Junho e Julho foram meses maus: tempo, turistas e animação foram ingredientes que não se fizeram sentir como atractivos sazonais. Não culpemos a Espanha com a Expo-92 e os Jogos Olímpicos. Culpemos por esperarmos que os outros façam por nós. Farpas!

• Junho e Julho foram meses maus: tempo, turistas e animação foram ingredientes que não se fizeram sentir como atractivos sazonais. Não culpemos a Espanha com a Expo-92 e os Jogos Olímpicos. Culpemos por esperarmos que os outros façam por nós. Farpas!

## EM FÉRIAS

De França, onde trabalham, encontram-se de férias, acompanhados das respectivas famílias, os nossos conterrâneos: Domingos Morais da Silva, Amadeu Vassalo da Costa, Manuel Elias Ferreira Gomes, Carlos Artur Ferreira Graça, Américo Carvalho (solteirão), António Carvalho, Orlando Ferreira Graça, Olímpio Graça, José Graça, Delfim da Costa Ferreira, José Morim de Faria e Reinor de Sá Pereira (le Patriarche).

Da Alemanha: Manuel Gomes Gaifém.

Sejam benvindos, com as saudações de «O Novo Fangureiro».

## FESTAS DA SR.<sup>a</sup> DA BONANÇA

As festas da Sr.<sup>a</sup> da Bonança, realizadas nos dias 8, 9, e 10 de Agosto estiveram maravilhosas. Muito fogo e boa música. No próximo número faremos relato circunstanciado, a par do Relatório da Comissão de Festas.

# FACTOS PARA A HISTÓRIA DE FÃO

A fundação de Fão poderá ter origem no povo que habitava o Castro de Rio Tinto, quando da chegada dos Romanos.

No séc. X, o lugar de Fão pertencia a D. Flá-mula, sobrinha da condessa Mumadona, a qual em 997 o legou ao mosteiro beneditino de Guimarães.

Nesta data, já eram notáveis as salinas de Fão, as quais continuam a ser referidas, nas Inquirições dos nossos primeiros reis.

Em 1095 há notícia, de Fão possuir a Igreja de S. Paio e salinas.

Em 1111, havia salinas pertencentes à Sé de Braga e aos mosteiros de Guimarães e do Bouro.

Em 1220, o rei D. Afonso II tinha 33 casais que produziam pão, linho e sal; e pagavam foros em trigo, porcos, galinhas, peixe, sal, etc.

Fão, no séc. XIV estava situada na terra de Faria, mas pertencia à jurisdição de Guimarães.

Já em 1377 e depois em 1549, Fão aparece como um bom porto de mar (sic).

Em 1409, foi incorporada no julgado de Faria.

Em 1412, a localidade é mencionada como estando despovoada.

Em 1520, pagava tributo à Sé de Braga. A barra de Fão que em 1531 é referida como profunda, aparece em 1648 somente para barcos de pesca.

Em 1552, os moradores vivem de pescar e tinham dois barcos de comércio, fruto da época das descobertas, e do aumento da sua população.

E destes factos, resulta a constituição da Misericórdia de Fão, nos finais do séc. XVI, a que se segue a Igreja da Misericórdia, com início provável em 1600.

Em 1626, teria sido construída a ermida do Bom Jesus, dando lugar à Igreja construída entre 1721 e 1723.

O primitivo hospital da Misericórdia já funcionava em 1630. O seguinte só foi fundado em 1854.

Em 1632, havia barca de passagem em S. Martinho da Gandra. Outra passagem, era na Barca do Lago.

Nesta data não havia gente de vulto em Fão, devido ao período de estagnação, em que se vivia nessa época.

Porém, em 1673 é concluída a construção da Igreja Matriz.

A Irmandade do Bom Jesus constituída em 1711, dá lugar à Confraria, criada em 3-2-1723.

Dado o desenvolvimento agora verificado, constata-se a utilização no rio Cávado, das seguintes embarcações: patachos, caravelas e barcas.

Em 1758, a maior parte dos seus moradores são pescadores. Tem 300 fogos e 1100 pessoas. Pagavam tributo à Casa de Bragança.

Em 1784, asinda quase todos os seus habitantes eram pescadores.

No séc. XVII, já Fão e Esposende apresentavam as suas rivalidades.

No séc. XIX, desenvolve-se a construção naval em Fão, que se estende pelo início deste século actual, de que outros farão a História.

Através deste resumo, proponho às entidades de Fão, a devida comemoração das datas aqui apresentadas, de modo a honrar o seu passado, e a lembrar aos seus habitantes, que têm motivos para se apresentarem como FANGUEIROS.

Ao jornal, solicito que faça eco das minhas palavras, em homenagem a todos os investigadores sobre a História de Fão, que contribuíram para o resultado aqui exposto.

Oscar Fangureiro

## MANUEL RAMOS FERREIRA

(Continuado da pág. 2)

### AGUENTARIA FÃO, NESSA ALTURA, UM CAFÉ?

Tal estabelecimento pressupõe já a existência de uma certa população com hábitos citadinos: vestes mais apuradas, pares de namorados mais afoitos mas ao mesmo tempo menos impacientes, um leque de funcionários públicos ou de escritórios, homens de negócio, comerciantes capazes de gastar dinheiro nos estabelecimentos dos outros, estudantes remediados, em suma, toda a possível e costumada clientela destes estabelecimentos.

Segundo o desejo dos seus proprietários, o Café Galo D'Oiro, o terceiro do concelho (havia a Primorosa e a Havanesa em Esposende), mas o primeiro em qualidade, devia ser o apêndice burguês que completasse em termos sociais os já referidos passeios e artísticos jazigos.

Aderindo às considerações feitas por Almeida Garret sobre os cafés, no agradável livrinho «Viagens na minha Terra», onde destaca o valor expressional da imagem dos cafés como correspondendo à feição mais vincente de uma terra, nós afirmamos que o Café Galo D'Oiro, com a sua superfície, a sua comodidade, o seu *décor*, o nível de limpeza alardeadas, a simpatia dos seus proprietários, emoldurava o essente de Fão: mais que emoldurá-lo, correspondia-lhe directamente.

### Noites de glória

Durante anos, a referência turística de Fão, aquilo que mais lembrava ao ausente sobre a terra fangueira era precisamente o Café Galo D'Oiro. Ali reafirmava-se a alma de Fão.

Nos meses veranistas aquela casa, durante anos seguidos, conheceu noites de glória:

faziam-se ali quermesses, realizavam-se lá autênticas Queima das Feitas, era a casa preferida pelos banhistas de Fão. Houve um ano em que o inesquecível Barbosa de Braga, redigia um jornal diário e o afixava todas as manhãs nas montras do café. O Zé Maia, o Miro Careta, o Xico Glória, o Zé Água Doce, o Júlio Monteiro e outros recriavam ali as famosas «revistas» fangueiras a que Ernestino Sacramento deu alma e Zé Maia e seus comparsas deram continuação. Três casas ficam para sempre ligados ao apogeu da colónia balnear de Fão: Café Galo D'Oiro, Clube Fãoense e Amigos de Fão. Já agora, a casa do Mitó onde se faziam os ensaios.

O Café Galo D'Oiro era por si uma sala de recepção, um centro de convívio e crítica, um local de cavaqueira, uma zona de jogos (bilhar e cartas) e de lazer.

### O esplendor tropeça na realidade

Manuel Ferreira e sua esposa Maria José, os donos da casa, imprimiam-lhe um continuado nível pelo que a gente de maior estatuto sentia-se bem lá.

Só que um café e qualquer casa de negócios não pode apenas viver de um mês, o de Agosto. Mantém as suas portas abertas todo o ano e, se não trabalha, degrada-se.

Mas então a tal expressividade burguesa a que aludimos atrás, onde estava? O ar citadino que Fão aparentemente mostrava não passava de ficção. Ainda hoje subsiste um bocado dessa (in)realidade. Um café como o Galo D'Oiro não podia aguentar-se a vender uma bica para o dr. Pimenta, outra para o dr. Alceu, ainda uma outra para o Neca d'Arcia e uma última para o Agonia.

Foi assim durante vários invernos, quer di-

zer, durante todos os invernos. A volumetria social que atraiu o casal Ferreira não passava de uma miragem. Eles criaram em Fão um café antes do timing certo.

Isso não vai permitir, porém, que Fão esqueça aqueles que dispenderam esforços para o engrandecer. É que na verdade Manuel Ferreira foi um dos primeiros, se não o primeiro iniciador do turismo em Fão.

## DESASTRE VITIMA CASAL

*Davam lindos passeios pela vila. Eram eles o Amândio Vilas Boas, de 67 anos, e ela a Idalina Martins Ribeiro, com 57. Estavam casados e internados no Lar da Terceira Idade. Passeavam muito e ela guiava o marido com muita solicitude, pois ele era cego.*

*Na segunda-feira saíram cedo, mas por volta das 10 já rumavam de novo a casa (Lar). Tentaram atravessar a estrada, ali à porta da Consul, mas atarantaram-se e ficaram os dois esmagados pelo rodado do camião TIR de matrícula BU-37-16, procedente de Arrifana.*

*Os nossos Bombeiros acudiram logo, mas limitaram-se a tirar, com muito custo, os corpos do indíto casal debaixo do pesado veículo.*

*Havia dantes ali uma passadeira. Com o arranjo da estrada ela desapareceu e não marcaram mais. É à portuguesa.*

*Agora a JAE vai a correr marcar outras, mas o Amândio e a Idalina são já mortos. Que descansem em paz.*

## FALECIMENTO

Em França, onde vivia, faleceu no dia 9 deste mês, o nosso conterrâneo Joaquim Gonçalves Carvalho, com a idade de 87 anos. Era irmão do Zé Carvalho (Água Doce). Assinava «O Novo Fangueiro» que lia com muito aprezimento. Que descanse em paz.

## PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS  
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450  
Telex 25181 — 4100 PORTO

### ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647  
4750 MATOSINHOS

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra invejar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como da especialidade.

Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

## Dicionários EDITORA

PORTO EDITORA, LDA. Rua de Restauração, 365/4098 PORTO CODEX  
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX  
IMP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

# PÁGINA JOVEM

**Olá, jovens! Finalmente o Agosto quente, o sol, a praia, o mar, os passeios, enfim, tantas diversões! Que este Verão seja vivido em plenitude, para depois, em tempo escolar, ser recordado com uma saudade boa, e novamente apetecido, são os nosso votos.**

## O AUTO-CARRASCO

Por MARTA MARIZ MENDES

Acordo, espreguiço-me sob os raios quentes do Sol, que atravessam, timidamente, as frestas da janela e os buracos das persianas.

Desço as escadas de pedra, caminho sobre a calçada fria e olho a rua deserta. Ouço os pardais, leio o seu voo, ouço o sussurrar da brisa ao bater nas plantas e nas flores.

E eis que surge aquela porção de azul, tão calma, tão viva, tão bela. E na rampa que desce até mergulhar no rio, sento-me. E observo.

Gaiotas esvoaçam, chafurdam, nadam, vivem. Vacas pastam mansamente, sem ligar ao resto. Patos sacodem as penas húmidas.

E na mesma calçada fria passeio, para lá e para cá. E penso. E sinto o rio da reflexão a molhar-me os pés. Mas este não é azul. É incolor. Não se vê. E a minha natureza interior confunde-se com a Natureza verdadeira. E os seus olhos são os meus. O seu coração é o meu.

E, no entanto, no meio desta perfeição, sinto uma dor, ligeira mas persistente. A Natureza morre-me nos olhos. E tudo que vejo são casas, erguidas sem dó nem piedade, sobre ela. Vejo homens que quiseram mudar para melhor e arruinaram o fundamento da sua existência.

Fico a olhar, impotente, sem perceber como conseguem fazê-lo. E as lágrimas assomam-me a estes olhos, que são da Natureza, e incham vermelhos e agudados.

Mas os homens não percebem que os seus olhos também libertam lágrimas e dor. Sem saberem porquê. Sem saberem que se estão a matar. E sem atenderem às súplicas da Natureza, que afinal implora por eles. E que se ajoelha perante o homem, submetendo-se à lei da morte.

Porque é que os homens se condenaram à morte?



Desenho de ISABEL M.

## UM LAR...

*Ao sabor da melancolia  
Voava uma avezinha,  
Que de galho em galho  
Seus raminhos colhia.  
Essa bela avezinha  
Apenas queria um agasalho  
E, para ter tal conforto  
Ia aos poucos fazendo o seu ninho.  
Mas o Inverno cruel  
Ia-se metendo em seu caminho,  
Todos os dias ao acordar,  
Encolbida num parapeito  
Ela desatava a soluçar  
Por encontrar o ninho desfeito.  
Esse vento maldito  
Que a atormentava  
Mostrava-se satisfeito  
Ao vê-la desolada.  
No entanto, ela insistia  
Em seu ninho terminar  
Pois tudo o que ela queria  
Era dar aos seus filbinhos um lar!!!*

Susana C. Almeida

## ONDE ESTOU

*Quem sou, quem fui,  
Para onde vou,  
Sou decerto aquela que não  
Estou  
Onde o sol brilha e dá  
Calor  
Estou aqui, ali  
Em qualquer lado,  
Onde a chuva, caindo no  
Telhado,  
Faz subir no ar núvens  
de vapor  
Um dia, rio às gargalhadas  
de prazer.  
No outro choro, temendo  
O amanhecer.*

SU

## PAUSA PARA SORRIR

Um empregado de um estabelecimento quer pedir um aumento ao patrão, mas é muito tímido. Por fim atreve-se a dizer:

— Sabe, patrão, faz hoje trinta anos que trabalho para o senhor...

— Ah, sim — responde aquele lacónicamente.

— É verdade, confirma o empregado. Por isso pensei pedir-lhe uma gentileza para comemorar o facto. Creio que mereço uma recompensa...

Claro, claro, concorda o patrão. De hoje em diante em vez de te chamar Anastácio, vou passar a chamar-te senhor Anastácio!...

★

Um indivíduo muito avarento ouviu, certa noite, ruído no seu estabelecimento, por cima do qual morava.

Levantou-se e, devagarinho, entrou na loja, empunhando uma pistola. Ao ver um ladrão a encher um saco com produtos seus, berrou:

— Mãos ao ar!


O ladrão, porém, que lhe conhecia o carácter avarento, não se atrapalhou. Puxando pela sua carteira, propôs:

— Dou-lhe dois contos por essa pistola!

E o avarento, imediatamente:

— Negócio fechado; é sua!...

ESTA FOLHA TEM O  
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

## O MUNDO EM QUE VIVEMOS

(Continuado da pág. 12)

mónimas oriundas das macieiras, representa um perigo muito considerável para ele, já que parece estar em risco de pagar uma multa que pode ir a milhares de contos — que estamos certos ele não possui — porque deu uma trincadela na maçã, perdão!, porque infringiu certas normas da APPLE.

E até um dos perigos apontados pela Entidade a quem pertence esta sigla, está relacionado com a «maçã»... Isto é, as patas domésticas que por obra e graça do Sérgio bucolicamente adornam o rio, com o seu donaire e inocente garri-dice, podem fazer perder a cabeça aos patos bravos, levando-os a «trincar a maçã», e lá se iria macular a autenticidade da raça dos referidos palmípedes.

Ora o Sérgio é uma figura típica de Fão. Diríamos mais: é o Trovador de Fão. Ele fez a letra e música dos seus fados e das suas baladas, e nas suas interpretações, há algo do Fão Antigo que através dele não se perde, antes se mantém e permanece — e que importa conservar.

O Sérgio é um artista. e os artistas, regra geral, pairam noutra esfera, noutra dimensão, que não a dos comuns mortais. Andam desligados dos conceitos burocráticos e das disposições legais sobre actos que, como este, lhes parecem absolutamente naturais, por inerentes à missão do artista: criar Arte, espalhar Beleza.

Por isso, e porque ainda não perdemos a fé nos Homens e nas suas Instituições, temos a esperança de que a APPLE use do espírito magnânimo de quemtem o poder decisório.

E agora é consigo, Sérgio: apesar de tudo, queremos deixar-lhe aqui o nosso agradecimento (que julgamos ser o de todos os fangueiros), pela Poesia e pelo Encanto que a presença dos seus patos acrescenta à Poesia e ao encanto desse rio maravilhoso que banha a sua Terra!

E. REAL

## AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Ora vivam! Com estas férias involuntárias da Tia Mariquinhas, de certeza que o maroto do colesterol se aproveitou para se instalar comodamente, sem fazer o mínimo de esforço para subir... Mas vamos já pôr as coisas no seu lugar com estas receitas:

### FÍGADO DE VITELA À JARDINEIRA

Limpa-se o fígado da membrana que o reveste e põe-se numa caçarola com tampa, em cima de tiras de toucinho, e com cebola picada, pimenta em pó e sal q.b.

Rega-se com um decilitro de vinho branco e deixa-se estufar em lume brando. Estando estufado, deita-se na caçarola um pouco de farinha triga, para engrossar o molho e sumo de limão.

Deve servir-se acompanhado de hortaliças cozidas.

### TOUCINHO DO CÉU ECONÓMICO

Leva-se a ponto de pasta meio quilo de açúcar em meio litro de água. Quando esta calda estiver morna, desfazem-se nela 3 colheres de farinha de trigo (fora do lume, claro), e 3 ovos bem batidos.

Vai ao forno em forma untada com manteiga e polvilhada de açúcar.

E agora, senhor Colesterol: vamos lá à subidinha?...

Um abraço e boas férias!

TIA MARIQUINHAS

### NOVA LICENCIATURA

Na Universidade do Minho, em Braga, licenciou-se em Ciências da Natureza, o nosso conterrâneo Artur Jorge Viana, filho do ex-chefe Miro.

É mais um enriquecimento para Fão pelo que aqui muito gostosamente assinalamos o evento.

Parabéns ao novo doutor.

## FANGUEIROS, ONDE ESTAIS? QUE É FEITO DE VÓS?

Tenho cinquenta e dois anos e sempre, desde a Escola Primária do saudoso prof. José Pio Rodrigues até aos dias de hoje, ouvi falar da ponte de Fão. Aprendi e verifiquei que ela fazia a travessia do Cávado para Esposende e norte do país.

Já adulto, pai, chefe de família e outras coisas mais, li algures que a mesma ponte de Fão sobre o rio Cávado seria, a partir dessa data, considerada monumento nacional.

Fiquei vaidoso, pois não: era Fão que estava em jogo.

Hoje, estupefacto, como fangueiro que sou, e de o ser muito me orgulho, leio em Jornal de Esposende, a propósito do centenário da ponte de Fão, que a Câmara autorizara a emissão de 500 medalhas, tendo numa face: 1.º Centenário da Ponte D. Luís Filipe e na outra: o brasão de Esposende.

Ficou mal esquecido o nome de Fão, o que não se pode perdoar a um organismo oficial como é a Câmara.

O que é de Fão a Fão pertence! Fão é Fão!

Perdoem-me: gosto muito de pertencer ao concelho de Esposende, mas primeiro sou fangueiro e não vamos ser mais papistas que o Papa.

A ponte é de Fão. Para quê roubar-lhe o nome?


Um fangueiro que se preza

Belmiro Viana

### COOPERATIVA CULTURAL FANGUEIRA

#### AVISO

Covocam-se todos os Associados para uma reunião a realizar no dia 20 de Agosto pelas 21.30 horas na sede provisória da C.C.F. para estabelecer as actividades a efectuar durante o ano corrente.

 **Optica**  
**Oliveira**

ALEIXO FERREIRA, LDA.


### GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

A BRASILEIRA  
PORTO

  
Nós somos café

## NO CENTENÁRIO DA PONTE DE FÃO UM POUCO DA SUA HISTÓRIA

Em 7 de Agosto de 1992 completaram-se 100 anos sobre a inauguração da ponte de Fão, embora a sua construção tenha terminado no ano de 1891.

Para a sua já bem longa história convergem dados que ficaram para sempre registados no n.º 1691 do jornal esposendense «O Cávado», publicado em 31 de Maio de 1935, na página «O Cávado em Fão», em artigo subscrito pelo companheiro sagaz das lides jornalísticas e fangueiro de 1.ª linha Prof. Mário ramiro, com precisos dados que lhe forneceu o grande Mestre que foi José de Azevedo Linhares, na arte nobre da construção naval.



Ponte de Fão

Era a vau que a travessia do rio Cávado era feita, em lugares menos profundos, especialmente por feirantes que se dirigiam à feira de Vila do Conde para transaccionarem os seu gados e produtos agrícolas. E os afogamentos eram constantes como o atestam os registos de óbito de Esposende e Fão, de pessoas que tentavam a passagem a vau. Num dia de Julho, uma nova desgraça se lamentou nas cercanias: um feirante das Marinhas, por apelido «O Chinó», manhã a raiar, levava para a feira de Vila do Conde, para venda, o seu gado.

Só o gado apareceu na Junqueira. O «Chinó» e o filho que seguiam a cavalo só dias de pois apareceram a boiar, um junto ao cais e outro junto à Pedra Alta.

No momento da tragédia veraneava na Apúlia o Visconde de S. Januário, então Mi-

nistro da Guerra, que foi posto ao corrente de todo um estendal de tragédias similares em audiência concedida ao Prior de Fão Padre Gonçalo Viana e ao Dr. Moreira Pinto. Por tal motivo sempre afirmara o Padre Chaves que a realização desta obra se deveria a estes dois fangueiros.

O Visconde de S. Januário prometeu e cumpriu religiosamente. E Fão soube ser grata dando a uma das suas artérias principais o nome daquele Ministro.

A construção foi adjudicada à Empresa de Santo Amaro, de Lisboa, sendo os pegões construídos por uma empresa francesa. O fer-

ro utilizado na ponte foi transportado em dois navios de Fão: o «Boa Hora» e o «Gomes», tendo este último naufragado à entrada da barra de Esposende. Dois mergulhadores, o Sousa e o Taborda que aqui se encontravam para apoiar os trabalhos da fixação dos pegões, puderam recuperar todo o ferro.

A estrutura metálica, assente em 8 pegões e os terminais em granito, impuseram uma perfuração de 18 metros no leito do rio, sem que fosse encontrado apoio de pedra. Na perfuração foi encontrada terra preta, troncos de ávore e conchas do mar. Construídos os pegões, a estrutura metálica foi instalada a partir de Fão em tramos de dois pegões e meio com a ajuda de guindastes e macacos.

O projecto da ponte de Fão ficou concluído em 28 de Outubro de 1887, tendo os estudos sido iniciados em 14 de Abril do mesmo

tão e bem assim o núcleo de esposendenses que moram na cidade alfacinha.

Sabemos que este Grupo reúne-se mensalmente num almoço de confraternização para o qual já conseguiram a adesão do nosso conterrâneo António Sá Pereira e do activo Presidente da Câmara Alberto Figueiredo.

### INTERNAMENTO

No último domingo foi internado no Hospital de Fão o nosso conterrâneo e prezado amigo Manuel Ramos Ferreira.

Desejamos sinceras melhoras.

ano. Coube a direcção da obra ao técnico francês Reynaud. Terminada a construção em 1891, só no ano seguinte, a 7 de Agosto de 1892, se procedeu à sua inauguração.

O bairrismo fangueiro e a honestidade da promessa feita pelo Visconde de S. Januário não podem ser esquecidos quando se comemoram 100 anos de prestimosos serviços prestados à comunidade, pela ponte que para sempre se chamará de FÃO.

Bernardino Amândio

## DESPORTO Por JOÃO PEDRAS

### BELMIRO PENETRA

Belmiro Penetra, o jovem fangueiro que integrou a selecção Nacional de canoagem, esteve nos Jogos Olímpicos em Barcelona, representando Portugal.

É um facto histórico na vida fangueira e que prestigia a nossa Vila pelo que representa no panorama do mundo do desporto.

Os Jogos Olímpicos são sem dúvida o maior acontecimento desportivo no mundo e lá competem os melhores atletas das diversas modalidades, submetidos que foram a uma preparação rigorosa, tendente a obter os maiores êxitos.

Barcelona 92 não foi favorável a Portugal em termos de resultados globais, mas pode-se afirmar que a Canoagem portuguesa demonstrou ser uma das principais e mais desenvolvidas modalidades a representar o nosso país.

A selecção portuguesa sendo, a mais jovem ali presente, demonstrou um largo futuro no panorama do desporto internacional.

De realçar que Belmiro Penetra, com 19 anos de idade, era o mais jovem elemento da Selecção Nacional. O historial do atleta fangueiro é prestigioso, sendo de realçar que em 1991 foi o 4.º melhor Júnior do Mundo nos 500 e 1000 metros e obteve vários 1.º lugares em regatas internacionais, nomeadamente na Bélgica e na Venezuela.

Mas voltando a Barcelona, Penetra «conduziu» bem o K4 português sendo de realçar o relevo da imprensa e da própria televisão portuguesa, que fez comentários elogiosos a este jovem fangueiro.

Em Fão, os atletas do Clube Náutico acompanharam com entusiasmo a participação da selecção portuguesa, vivendo com emoção as eliminatórias que os Kayaks lusos iam ultrapassando.

Tanto quanto sabemos, todos os minutos transmitidos foram gravados em vídeo e é de crer que nas futuras instalações daquele clube irá existir uma completa videoteca sobre a modalidade.

Este Clube, que se tem afirmado com relevo na Canoagem Nacional, vai dispor em breve de instalações condizentes com o seu prestígio, o Posto Náutico de Fão.

Importante será agora dotar esta infra-estrutura de condições técnicas, nomeadamente monitores, estando cientes que a experiência de Belmiro Penetra será primordial para a criação de quadros ligados a modalidades náuticas na estrutura municipal.

O desporto é factor de qualidade de vida, de desenvolvimento social enquadrado na ocupação de tempos livres dos mais jovens e será um sector a merecer da Câmara Municipal uma atitude estruturada, bem a lembrar que nem só de pão vive o homem.

De realçar que Belmiro Penetra, na falta de um patrocínio prometido pela Federação Portuguesa de Canoagem, conseguiu à última da hora o apoio de uma empresa apuliense, «Impetus», o que é reciprocamente prestigioso e louvável tendo em conta o amadorismo desta modalidade e os custos pessoais de quem se integra na alta competição, nas condições que bem conhecemos.

Com a participação de Penetra em Barcelona, Fão enriqueceu o seu historial.

Mas não só Fão! Também o concelho e obviamente ... Portugal.

(Continua na pág. 8)

### RONDA VILACHÃ EM LISBOA

Recentemente deslocou-se a Lisboa, com o patrocínio da Câmara de Esposende, a Ronda de Vilachã, para actuar na Casa do Minho.

Foi uma sessão extraordinária onde a arte e a autenticidade do Grupo vilachanense se casaram muito bem com as raízes dos minutos que ali se encontravam.

Foram horas de alegria, confraternização e de saudade.

O secretário daquela instituição é o nosso conterrâneo Eng. Rúben Agonia Pereira. Outro grande carola por aquela casa é o também nosso amigo Dr. Orlando Martins Capi-

# DE APÚLIA

**ÓBITOS** — No lugar de Criaz, faleceu em 14 de Julho último a Senhora Maria Fernandes Gomes, solteira, nascida em 5 de Outubro de 1914. Era filha de José Gomes Tomé e de Maria Fernandes Maltez.

No dia 15 do mesmo mês, no lugar da Areia, faleceu o Senhor Firmino Henrique Pereira, viúvo de Antónia Fernandes da Fonte. Era natural de Barqueiros, Barcelos, onde nasceu no dia 6 de Março de 1912, e filho de José Gonçalves Pereira e de Joaquina Henrique Ferreira.

Vítima de trágico acidente de viação, num despiste junto à ponte do Rio Neiva, com camião de carga com areia que conduzia, faleceu no dia 14 do mesmo mês, o senhor Bernardino Seixas Amorim, natural de Santa Marta de Penaguião. O Amorim que residia desde o seu casamento com Maria Fernanda Barros Gomes, apulense, no lugar de Paredes e já falecida, era filho de Amadeu Seixas Amorim e de Maria Pinto de Sousa, e nasceu em 20 de Janeiro de 1937.

Para os familiares destes conterrâneos falecidos, aqui deixamos o nosso cartão de pesar.

**FAZER... PARA APRENDER...** — O Fernando Alberto, que mora numa zona sobranceira ao mar, ali para os lados de «Cedovem», era um miúdo vivo e traquinas, que apesar dos seus curiosos 9 anos, já conhece aquela filosofia de S. Tomé: «ver para crer»; «fazer para aprender». Em teoria. Mas dali à prática foi um saltinho de pardal... Por mal dele.

No circo, a que assistira curioso e encantado dois dias antes do infeliz evento que motivou este apontamento, viu extasiado o «artista» fazer coisas do «arco da velha»: engolir e deltar labaredas de fogo pela boca; queimar os braços lentamente com «tocha» em brasa. Sozinho em casa, pensou fazer o mesmo, tentado pelo frasco do álcool e pelo isqueiro, ali mesmo à mão de se-mear. O resto é fácil de adivinhar. Valeu-lhe um visinho, que terá evitado a sua morte trágica e a destruição da sua casa.

Transportado de urgência a uma unidade de saúde da Póvoa de Varzim, ali se encontra em lenta recuperação, depois de ter sido operado e tratado a queimaduras, algumas de terceiro grau.

O Fernando Alberto não vai esquecer facilmente aquela hora daquele trágico dia. E também vai compreender que brincar assim com o fogo, só nos circos...

**INSATISFAÇÃO** — Por que é inteligente, o homem é um ser insatisfeito. Quer sempre mais e sempre melhor, para os seus e para si. E para as suas terras. Por o homem ser assim, é que foi à Índia e à Oceania, em «casca de noz» a remo e à vela. Por o homem ser assim é que há o telégrafo e o telefone, o cinema e a televisão, o comboio e o avião. Por o homem ser assim, é que o homem já foi à lua e há-de ir a outros planetas. Por o homem ser assim, é que hoje é possível a cura de muitas doenças que aterrizararam as populações da Idade Média, e que amanhã será encontrada a cura para algumas que ainda não têm cura. Por que o homem quer ir mais longe, voar sempre mais alto...

Não admira, por isso, que se pense (e se diga), em voz alta, que em Apúlia nada se fez nos últimos anos. Se as pessoas pensam assim por que estão insatisfeitas e desejam mais, estão correctas. Na verdade fez-se puco para o muito que Apúlia necessita. E o pouco, às vezes, sabe a nada... Mas nesse pouco, há obras de grande porte e obras pequenas, que vão transformando Apúlia sem se dar por isso. Como é o caso da Escola C+S que vai estar em actividade pelo segundo ano; o saneamento das águas residuais e pluviais; o acabamento da séde da Junta; a construção da Estação de Tratamento das águas residuais; o arranjo do piso e urbanístico da Avenida, e toda a zona envolvente da praia; a construção de passeios; o alargamento das ruas da Salgueira, da Agra e da Senhora do Amparo; a pavimentação de dois caminhos em Criaz, e da zona frontal do Campo de Futebol e da antiga Estrada Nacional, em Criaz, com betuminoso de alcatrão do Guincho de Ce-

dovem e do Pontão do Rio do Preto; a canalização de águas pluviais em Paredes e a construção da conduta da água da rede para o Campo de Futebol; a vedação com rede de arame em todas as escolas; o arranjo urbanístico do Cruzeiro e do Cemitério; a sinalização da Vila e a criação do símbolo e bandeira de Apúlia, a topomínia de Paredes, de Criaz, e da zona de João Paulo II em Cedovem, etc...

Alguns coisa se fez, alguma coisa que, pela sua importância a nível da higiene e da saúde, e da cultura e educação, vai arrastar seguramente, outros melhoramentos que farão de Apúlia uma verdadeira Vila, em toda a acepção da palavra.

A pergunta que se põe é, quando? Sim, quando?... E uma certeza aqui se pode deixar. É que há muito por fazer em Apúlia.

Mas que se come muito queijo por aqui, é um facto.

**EMIGRANTES** — Do Brasil e do Canadá, da Alemanha e da França, e do Luxemburgo e da Suíça, estão entre nós algumas centenas de apulenses, que naqueles países «cavam» uma vida melhor. Na impossibilidade de aqui deixarmos os nomes de todos, como desejaríamos, vamos mencionar alguns vindos do Canadá e Brasil, aqueles que estão mais distantes da sua terra, e que, por esse motivo, salvo raras excepções, só cá vêm de longe em longe.

Estão neste caso os irmãos Artur e Manuel Catarino Gonçalves Pereira, Clemente dos Santos Miranda, Clemente Almeida da Silva e António Catarino Ribeiro, todos vindos do Canadá e alguns deles acompanhados da restante família.

Também entre nós, acompanhados da sua mãe, D. Maria Jacinta Alegre Regado, encontram-se os jovens irmãos — Eduardo e Marcelo Alegre Regado, recentemente formados em administração de empresa, na cidade de S. Paulo, Brasil.

Estes novos «doutores» são filhos dos nossos conterrâneos, Delfim Moreira da Costa Regado e de D. Maria Jacinta Alegre Regado, radicados naquele País vai para três décadas.

Desejamos as boas vindas a todos estes apulenses, e umas férias compridas, com muito sol e muito mar.

Aos dois jovens licenciados, que são luso-brasileiros, mas de que todos nós muito nos honramos, também desejamos boas férias, e muitas felicidades nas suas vidas profissionais, no Brasil, ou aqui, onde certamente haverá lugar para eles.

**UMA TERRA DIFERENTE** — Todas as terras são diferentes entre si, mesmo aquelas que nasceram ligadas uma à outra, como acontece com os bebés siameses.

E se as terras são diferentes, também as pessoas, no seu conjunto, são diferentes. Diferentes no seu relacionamento entre si, diferentes na maneira de encarar as mesmas coisas, diferentes nos hábitos, diferentes nas amizades, e até diferentes na sua morfologia física.

Conhecemos muitas terras, de perto e de longe, muitas pessoas, da serra e do litoral, e Apúlia e as suas gentes, sempre nos pareceram diferentes. Para melhor?... Para pior?... Talvez o afluxo de pessoas, vindas de outras terras, até bem distantes, que cá se fixaram com as famílias, ou criando famílias, responda em parte àquelas perguntas.

Mas os dois factos que vamos narrar muito sinteticamente, também ajudarão como resposta àquelas interrogações.

Era dia de S. João. Em pleno horário de trabalho, de uma unidade têxtil do lugar da Areia, patrões e empregados conviviam, como uma família, comendo, bebendo, cantando e dançando, junto à casa onde funciona o seu lugar de trabalho. E todas as despesas foram por conta desse jovem casal de empresários, que não esqueceram, agora bem na vida, que também já foram empregados. Como ambos são apulenses, ambos são diferentes, da maioria dos da sua classe.

— Estávamos a 23 de Julho, dia em que uma senhora, co-proprietária de grande unidade da indústria têxtil, fazia anos. Não estava nessa data em Apúlia, nem ela nem o marido, junto aos seus trabalhadores. Um pequeno problema de doença de um deles, obrigou-os a uns dias de repouso na parte mais ocidental do País.

Apesar disso, e mesmo longe, não se esqueceu dos seus trabalhadores, da sua segunda família. Na hora própria, e também dentro do horário de trabalho, mandado por ela, lá apareceram, nas suas fábricas, o Bolo-Rei e o Espumoso, tudo do bom e em grande quantidade.

Os «parabéns a você», cantados a umas centenas de quilómetros, não poderiam ser escutados pelos ouvidos dessa senhora. Mas foram ouvidos, de certeza, pelo seu coração.

Também aqui, este casal de Empresários é apulense. Também aqui, eles começaram do nada, depois de terem sido empregados... E também são diferentes. Afinal, aquele ditado que diz: «Não sirvas a quem serviu, nem peças a quem pediu», tem por estas bandas poucos seguidores.

## DESPORTO

(Continuado da pág. 10)

### FUTEBOL

Atempadamente realizaram-se eleições para o C. F. de Fão, depois de um temeroso período de dúvida. O bairrismo veio ao de cima. Eis o novo elenco:

**Assembleia Geral:** Dr. Armando Saraiva, António Gomes Viana e Luís Gomes Viana.

**Conselho Fiscal:** António Francisco Oliveira Carreira, Óscar Viana e Marinho do Vale.

**Direcção:** Presidente - Amândio Leite de Faria; v.-Presidente - Amílcar Almeida Cardoso; v.-Presidente - Albino Miranda de Sousa; secretário - Carlos Alberto Fradique Alves; 2.º secretário - Augusto Santos Araújo; 1.º tesoureiro - Alberto Gaifém Miranda; 2.º tesoureiro - José Maria Alves do Vale; vogais - José Ribeiro Gaifém, Cândido Ribeiro Gaifém, António Cândido Viana da Silva Passos, Moisés António Vareiro dos Santos e Carmen Pedra da Silva.

De salientar a presença de um elemento feminino: a Carmen que é mais conhecido pela Káni-Káni. (Nada de zangas).

Desejamos boa sorte ao novo elenco directivo que voltou a apostar de novo na gente da terra.

À Direcção cessante o nosso aplauso sobretudo aos sobreviventes que conseguiram levar a carta a Garcia. Repare-se ou rememore-se que no fim da primeira parte fomos em último lugar e no final acabámos no meio da tabela. E eles, os sobreviventes, aguentaram-se, deixando um pé de meia que ultrapassou os 500 contos. À partida levavam um saldo negativo de três centenas.

É verdade que ficou por pagar o último mês aos jogadores e havia ainda o caso da carrinha. Em compensação ficou algum dinheiro por receber, cotas por pagar e dívidas ao clube.

Diga-se o que se disser, o ex-Presidente Miro cumpriu bem a sua missão. Bem haja.

O nosso aplauso vai também para a nova Direcção por se ter inclinado pela prata da casa. Boa filosofia.

JOÃO PEDRAS

## FALECIMENTO

Com a idade de 77 anos faleceu em Fão, Manuel Cardoso (Neca Mata).

Lembrámo-nos que em novo o Neca Mata foi um elemento activo da JOC. Exerceu funções de fogueiro na antiga fábrica do «Fregueiras».

Aos seus familiares apresentamos condolências.



# PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



## O MARACUJÁ

(Continuado do número anterior)

6.º — Colocar as garrafas num recipiente por forma a que a água as cubra por completo e fervê-las durante 5 minutos (esterilização);

7.º — Retirar as garrafas, submetê-las a uma corrente de água fria e, após enxaguamento, parafinar as rolhas;

8.º — Etiquetar e guardar, em local de preferência fresco e seco.

A propósito, chama-se a atenção para a necessidade de em curto prazo consumir o conteúdo de uma garrafa de néctar, depois de aberta. A sua rápida alteração, em tais circunstâncias, pode vir a constituir perigo para a saúde dos últimos utilizadores.

## 12 — COMPOSIÇÃO DO FRUTO E DO SUMO

A composição média do fruto do maracujá não anda, em regra, longe da seguinte:

	VARIÉDADE	
	Amarelo	Roxo
Casca.....	61,9%	49,6%
Resíduo.....	7,2%	13,6%
Polpa — Sumo.....	30,9%	36,8%

O sumo é de coloração amarelo vivo, com aspecto um tanto turvo devido à

presença de material celular macerado no processo de extracção; o seu aroma é característico e tem sabor picante, sendo o sumo do maracujá roxo mais doce e mais intensamente colorido que o do amarelo.

Cem gramas de sumo de maracujá têm a seguinte composição:

- 76,9 a 82,5 gramas de água
- 7,4 a 13,3 gramas de açúcares totais
- 1,0 a 3,7 gramas de amido
- 0,6 a 1,2 gramas de proteína
- 0,01 a 0,08 gramas de extracto etéreo
- 0,36 a 0,52 gramas de matéria mineral

O teor em vitamina C (ácido ascórbico) de 100 gramas de sumo oscila pelos 35 miligramas, sendo ainda relativamente importantes as suas quantidades de vitamina A, de Fósforo, Cálcio e ferro.

FIM

## CULTURA DA CEBOLINHA GALEGA

Esta planta hortícola, aromatizante, também conhecida por *cebolinha miúda*, *cebolinho* e *alho mourisco*, é originária das regiões setentrionais da Europa.

Tal como a cebola e a cebolinha comum, pertence à família das Liliáceas e ao género «Allium». Forma a espécie «*Allium schoenoprasum*, L.»

É vivaz, de pequeno porte e desenvolvimento rápido. As folhas possuem propriedades aperitivas e estimulantes.

Os bolbos, de reduzidas dimensões

e com forma mais ou menos oval, agrupam-se em massa compacta. as folhas, finas, de coloração verde-escura, com 10 a 20 cm de comprimento, muito semelhantes às da cebola, desenvolvem-se em tufo densos dos quais emergem, na época apropriada, as hastes florais. na extremidade destas formam-se as pequenas flores, de cor purpúrea, agrupadas em umbelas (tipo de inflorescência no qual todos os pedúnculos das flores estão inseridos no mesmo ponto).

A cebolinha galega é uma planta bastante rústica, No entanto, ressentem-se quando cultivada em regiões caracterizadas por temperaturas ambientais inferiores a 12º-15º C. Prefere solos bem drenados, frescos e ricos em matéria orgânica decomposta (humus). Por este motivo é aconselhável a incorporação na terra, algumas semanas antes da preparação para a sementeira ou plantação, de uma quantidade razoável de estrume de curral, bem curtido.

A multiplicação pode ser realizada por sementeira ou por divisão de tufo.

Na sementeira, em viveiro, a efectuar no início da Primavera, o espalhamento é feito à mão após o que a semente é coberta com uma delgada camada de terra bem esmiuçada, regando-se em seguida. A germinação ocorre dentro de 1 a 2 semanas. Alguns dias após o nascimento, procede-se a um desbaste no decurso do qual as plantinhas mais fracas são eliminadas para que as restantes passem a dispor de maior espaço para se desenvolverem. Em Agosto faz-se a transplantação para o local definitivo onde as plantinhas deverão ficar, em cada linha, à distância de 30 a 30 cm uma das outras.

(Continua no próximo número)

# Basta

## a melhor alternativa

**Herbicida total**

**Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança**

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

**Hoechst - um amigo na agricultura**

**Hoechst**

Cap. Soc. 5 000 000 000\$000000 Reg. Com. Alvara n.º 1430

# HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES  
JARDINAGEM  
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78  
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

## CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR  
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA  
DE CALIBRADOR  
POR PÊSO



DESCARREGADOR  
E ELEVADOR



CALIBRADOR  
POR PÊSO  
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE  
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22  
FAX 044/81 23 02  
TELEX 43811

**SONDECA**

APARTADO 12  
PARCEIROS  
2401 LEIRIA CODEX

## NOITES DE OFIR

Pois é. O busilis turístico de Ofir é preencher os tempos livres dos veranistas que encham os hotéis. Como passar as horas?

Os hotéis organizam visitas, normalmente apresentam programas artísticos, enfim esforçam-se, valha a verdade. E é dentro desse esforço que metemos as noites de Ofir. Noites de Ofir são animadas, noites diferentes que se passam no Hotel Ofir. Foi assim no dia 8. Dizia o programa: «nos jardins do Sopete Ofir Hotel, a partir das 20.30 h, o programa é especial. Animação e beleza conjugam-se para lhe proporcionar uma noite em pleno, repleta de cor e fantasia».

Só que aconteceu o imprevisito: num ano de seca invulgar, havia de vir chuva no mês de Agosto e precisamente no dia 8, como nos referiu o João Luís.

Mas os grandes homens são para as grandes decisões e o director Manuel Marques deu ordens para se recolher o «material». A festa far-se-ia dentro, mais concretamente no Salão Restaurante. O o barbecue decorreu da melhor maneira. Comida à descrição, variada, bem cozinhada e melhor servida. Exibiu-se de início o grupo folclórico «Lavadeiras de Rio Tinto». Um grupo muito certinho, rapazes empertigados a gostar do que estavam a fazer; elas uns lindos palminhos de cara, bem vestidas, sem a arrogância das veteranas, humildes, portanto, e aplicadas também. O grupo é de Rio Tinto mas lá vimos o sr. Viana, de Fonteboa, bem disposto, todo gingão a maltratar umas castanholas. Parece que tem umas courélas na vizinha freguesia e daí dizermos que estava en su sitio.

Depois seguiu-se a escolha de Miss Ofir entre dez concorrentes.

Nós explicamos melhor: na praia, de manhã, houve um concurso para as dez melhores entre trinta e cinco candidatas. À noite foi seleccionada a miss Ofir que irá concorrer no Casino do Estoril à eleição de Miss Nova Gente 92.

Aquilo é engraçado. As dez jovens desfilarão numa passarela, primeiro, duas a duas e depois, uma a uma. Inicialmente apresentaram-se em traje de passeio. Depois, em fato de banho. Não há dúvida que foram bem escolhidas. Eram bem feitas. Todas. Na boniteza é que variavam. Quanto a nós a luta iria travar-se entre a 2 e a 8. E assim aconteceu. Ganhou a n.º 8 — Rita Luísa Ramos Ferreira.

E a alegria continuou no Hotel Ofir. Dançou-se até às tantas.

«São assim as «noites de Ofir» as mais quentes deste verão a dar força a um Hotel renovado e à tradição do norte».

## DOENTES

— O nosso prezado assinante António Alberto Guimarães Teixeira da Silva, director do Banco Fonseca e Burnay, foi submetido a uma operação no Hospital da Cruz Vermelha, em Lisboa.

Embora se tratasse de uma intervenção de bastante melindre, este nosso amigo já pôde assistir à reunião rotária da passada sexta-feira, dia 31 de Julho.

Claro que o seu aparecimento encheu de júbilo os seus companheiros rotários que o saudaram efusivamente.

— No espaço de semanas sofreu duas operações cirúrgicas o nosso prezado assinante e conterrâneo Joaquim Morais da Silva, guarda da P.S.P.

O seu forte arcaboço conseguiu superar esta crise e o Quim já voltou a ser um ferrinho no jogo das damas do clube Fãozense.

Último round: Quim, 2 - Agonia, 0.

— Sofreu de novo um acidente que o levou a uma nova intervenção cirúrgica craniana o nosso prezado assinante e ilustre esposendense dr. Bernardino Amândio.

Curioso que a queda dada e consequente operação foram idênticas às sofridas por este nosso amigo há relativamente pouco tempo. As zonas do crâneo é que foram diferentes. Felizmente que a terapêutica utilizada ocorreu no chamado tempo certo. Mas, caro dr. Amândio, não vale abusar.

Desejamos uma recuperação completa.

# PÃPÃ II

Abriu ao público uma nova pastelaria, filial Pãpã, junto ao banco. Está airosa, bem situada e bem decorada. E bem ancorada: a Pãpã dá-lhe rosto.

São estes novos e inovadores estabelecimentos quem dá vida e riqueza a Fão. Resta-nos desejar o melhor êxito ao sr. João Alves e restantes sócios na certeza que filho de peixe sabe nadar.



Um aspecto da nova pastelaria

## RUAS DE FÃO

É uma chatice. As ruas de Fão estão muito mal. Há pedras por todo o lado. Bem sabemos que quando se efectuam obras na rua os incómodos aparecem de imediato. O tormento é passageiro, no entanto desde Março que as obras se iniciaram e não se sabe quando é que acabam. E se no inverno as ruas são do lá vem um agora a intensidade do trânsito é manifesta pelo que urge dar um final às ruas esventradas.

## ATRASSO

Este número sai atrasado devido a férias do pessoal da tipografia.

O sr. Alfredo também merece um bom descanso depois de um ano de lufa-lufa a compor o nosso jornal.

Que as goze bem são os nossos desejos.

## O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilarelho  
José Ramos da Silva  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira  
João Pedras

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:  
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cirna n.º 5 - Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII - Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:  
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através dos Correios será por conta do assinante.

## HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO - 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053 - 96 14 73/4  
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m<sup>2</sup>, frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m<sup>2</sup>, a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

## PARA A HISTÓRIA DA CAPELA DA BOA MORTE NA VILA DE FÃO

Em 16 de Julho de 1882, faz precisamente 110 anos, a Junta de Paróquia de Fão e o reverendo Prior, abriram as propostas apresentadas para reconstruir a Capela do Cemitério. Propunham-se realizar obras de Pedreiro, Carpinteiro e caiador assim como Pintura.

Mas Memórias Paroquiais de 1758, dizia-se que «a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte se situava nos arrabaldes da Freguesia» (1)

Quando os fangueiros pensaram construir o seu cemitério, em 1882, data inscrita no portal do referido cemitério, aproveitaram o facto de nesse mesmo local existir, praticamente em ruínas, uma pequena mas interessante capela cuja invoação era precisamente Nossa Senhora da Boa Morte e que suscitou desde logo a ideia de vir a servir para Capela de Repouso.

Por deliberação do Conselho de Distrito, em Acordão de 18 de Abril de 1873, decidiu-se que o adro da capela da Boa Morte seria o local ideal para aí funcionar um Cemitério de carácter Paroquial. Assim e face a esta deliberação, a Junta de Paróquia, juntamente com o Regedor de Fão, chegaram à conclusão de que o pavimento da Igreja Paroquial já não oferecia grandes condições para receber mais cadáveres, estava praticamente repleto (2) pelo que a escolha de outro local era de primordial importância. Acontece porém que o local ou adro da Capela da Boa Morte era bastante pedregoso tendo a Junta de Paróquia mandado retirar todos os penedos existentes e, ao mesmo tempo, preparar a terra que serviria de base aos enterramentos.

Curiosamente, uma das preocupações, querda Junta de Paróquia quer mesmo do Prior, foi solicitar ao Sr. Arcebispo a separação, bem nítida, de um terreno no futuro cemitério, para que aí fossem sepultadas as pessoas que professassem outros credos. A demarcação desse mesmo talhão foi feita às 18 horas do dia 16 de Julho de 1882, estava precisamente a ser construído o cemitério.

Conforme já referimos, a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte foi desmantelada, segundo informações a sua ruína era total, e a reconstrução foi fiel e cuidada. A obra de pedreiro foi entregue a Manuel Gomes Ferreira que se propunha realizar toda a obra por 100.000 reis, José de Passos de Jesus encarregar-se-ia pela obra de carpinteiro pelo valor de 74.500 reis e João Barbosa Rodrigues faria o trabalho de caiador e pintura pela importância de 33.400 reis. Refira-se que todos eram naturais e residentes em Fão.

Pela documentação estudada, mesmo em ruínas, a Capela continuava a ter belíssimas imagens que foram recuperadas.

O processo não foi, no entanto, totalmente pacífico (3) já que a Junta de Paróquia se queixava que o Senhor

Arcebispo, através de ofício (4) informava que não dava o seu parecer favorável às obras em causa. Os ânimos não arrefeceram, as obras foram adjudicadas e os cadernos de encargo foram assinados devendo por isso ser cumprido rigorosamente o contrato.



Para melhor conhecer de que constariam as obras de reconstrução da capela, dir-se-á que o pedreiro devia recuperar toda a cantaria existente, que a alvenaria seria de pedra das lousas e barro do caldeirão e todo o trabalho tinha que ser executado no prazo máximo de 90 dias.

Quanto à obra de carpinteiro, exigia-se que todo o tabuado fosse de castanho e a pintura fosse de grande qualidade. O mobiliário ainda existente deveria ser recuperado (armários de sacristia, bancos, cabides, etc.) e recolocado no mesmo local. Tudo que constasse a caiador e pintura, exigia-se que os «traços da cal» fossem bem feitos para durarem muito tempo. A Tribuna seria pintada a óleo branco.

Uma outra questão que girava em torno da construção do cemitério e da própria Capela de Repouso, era se este devia ser ou não Cemitério Paroquial. Esta dúvida levantou-se precisamente numa reunião da Junta de Paróquia realizada em 18 de Outubro de 1875, na qual o Presidente Gonçalo Lourenço Cardoso Viana

disse ter ouvido que o Governador Civil de Braga terá perguntado se o Cemitério de Fão era Paroquial ou Municipal. Efectivamente, e reportamo-nos novamente à documentação estudada, houve troca de informações neste sentido mas a Câmara Municipal não foi favorável à classificação de Municipal. Curiosamente, e à revelia das autoridades locais, alguém terá enviado informações para o Governador Civil e Câmara Municipal alegando que a Freguesia de Fão não teria posses para manter o cemitério, que este era muito pequeno e que só a Irmandade da Misericórdia o encheria facilmente. Alegava-se ainda que não serviria mais do que a décima parte da população fangueira.

Perante esta atitude, a Junta de Paróquia repudiou tais argumentos alegando que Fão tinha possibilidade de ter o seu Cemitério Paroquial e que, além disso, teria ainda possibilidades, sempre que fosse necessário de comprar terrenos para o alargamento do espaço de enterramentos.

Manuel Albino Penteado neiva

(1) Losa, António — Terras de Esposende em 1758, Esposende, 1985.

(2) Registe-se que Fão passou por algumas epidemias na última metade do século XIX.

(3) Actas da Junta de Paróquia de Fão.

(4) Ofício n.º 23 de 22 de Fevereiro de 1882.

## O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

### AI, SÉRGIO! AS MAÇÃS!...

Na editorial do passado mês de Julho, vem em subtítulo o seguinte: «A APPLE E A PATOLOGIA DO NOSSO AMIGO SÉRGIO».

A primeira coisa que nos saltou à vista foi a sigla APPLE que, como palavra, em língua inglesa, significa MAÇÃ.

Ora a maçã é um fruto que, como se sabe, desde tempos imemoriais, tem trazido problemas gravosos ao elemento humano masculino. O primeiro, tanto quanto nos consta, foi Adão, que não resistiu a trincar o saboroso fruto, e todos nós conhecemos a carga de trabalhos que daí resultou...

E, pelos séculos fora, quantas «trincadelas», quantas maçãs apetitosas e desenganadoras e quantos sarilhos!...

Agora, surge-nos o Sérgio à voltas com uma outra espécie de «Maçã» que, sem ter o tentador encanto das suas ho-

(Continua na pág. 6)

O NOVO  
FANGUEIRO  
FÃO